



As aventuras de Joana D'arc: as criações da mulher cientista negra nos enunciados jornalísticos

Sara Silva Soares; Alexandre Luiz Polizel; Gustavo Pricinotto

Resumo

Ao considerar a educação pelo mote da cultura, compreende-se que os diferentes artefactos culturais produzem efeitos pedagógicos nos sujeitos, ou seja, estes modalizam modos de aprender, ensinar e compreender o mundo. Na busca pela compreensão do ser mulher cientista no Brasil, e de como estes corpos que não se faziam vistos, a professora Joana D'Arc é trazida a cena como ícone afirmativo da minoridade nas ciências. Mulher, negra, periférica e cientista. Todavia, por seus traços identitários e pelo protagonismo nas mídias um conjunto de veiculações discursivas a colocam como uma figura de 'controversa'. De tal cenário deriva este trabalho, que tem por objetivo traçar as linhas de produção da imagem da Prof. Dra. Joana D'arc e de sua representação. Para tal são levantadas notícias que retratem a história da mesma, visando o levantamento de seus títulos como síntese destas narrativas sob a óptica dos Estudos Culturais das Ciências e Educação.

Palavras-chave: estudos culturais; gênero; feminismo

The adventures of Joana D'arc: the creations of the black scientist woman in journalistic statements

Abstract

When considering education by the motto of culture, it is understood that the different cultural artefacts produce pedagogical effects on subjects, that is, they modalize ways of learning, teaching and understanding the world. In the

GT 04 - Feminismo, tecnologia e mídias

search for the understanding of being a female scientist in Brazil, and of how these bodies that were not seen, Professor Joana D'Arc is brought to the scene as an affirmative icon of minority in the sciences. Woman, black, peripheral and scientist. However, due to her identity and her role in the media, a set of discursive media places her as a 'controversial' figure. This work derives from this scenario, which aims to trace the production lines of Prof. Dr. Joana D'arc and her representation. To this end, news are raised that portray the history of the same, aiming to survey their titles as a synthesis of these narratives from the perspective of Cultural Studies of Sciences and Education.

Keywords: cultural studies; genre; feminism

Introdução

Deparar-se com a realidade das universidades nos dias de hoje, em que muitas vezes as mulheres não são evidenciadas, assim como em muitos outros casos não estão presentes, é inquietante, e deve ser motivo de pesquisas no âmbito acadêmico. Neste sentido, este trabalho busca compreender o que motiva, ou o que silencia, as possibilidades de (r)existência de mulheres e especificamente das mulheres negras nas universidades brasileiras e nas produções científicas.

Schlesinger (2001), afirma que as questões sociais e históricas, como são as relações de gênero, influencia(r)am a sociedade e tudo o que por ela é produzido, inclusive a Ciência. Mediante a isto, as Ciências Exatas são vistas como espaços predominantemente masculinos, mesmo diante das inúmeras mulheres que estiveram presentes na história dessas ciências e de tantas outras que continuam a insistir em ocupar espaços que lhes foram negados. Isto é, o que ocorre nesses casos é que, pretensiosamente negam-se as diferenças entre mulheres e homens, impondo que as mulheres se adaptem ao perfil do grupo socialmente dominante (o masculino), desconsiderando qualquer questão referente ao gênero.

Para que possamos repensar este processo de marginalização e interdição das mulheres no meio acadêmico e científico (FOUCAULT, 2006), temos que compreender inicialmente como diversos elementos

discursivos (imagens, discursos, mídias...) são dispostos diante das mulheres, e como articulam-se para que as mesmas não possam agir ou falar de determinados modos, ou ainda, sejam impossibilitadas de exercerem determinadas funções, como a de cientista.

Para isso, nos apoiaremos sob a perspectiva dos Estudos Culturais, e pensaremos como ocorreram os processos de resistência e silenciamento de mulheres que conseguiram ser reconhecidas historicamente e mundialmente nas ciências, perpassando pelo caso principal de análise deste trabalho, que se trata da brasileira Prof. Dra. Joana D'Arc Felix de Sousa, buscando um processo de rearticulação dos elementos anteriormente elencados e o fortalecimento das possibilidades de existência para as mulheres nas ciências, para além dos lócus preestabelecidos pela sociedade moderna e conservadora.

Neste processo de evidenciarmos vozes as diversas possibilidades de ser mulher, inclusive cientista, buscamos possibilitar visibilidade as outras, a estes corpos que não se faziam vistos perante a nossa sociedade. Com isso, a professora Joana D'Arc é trazida a cena como ícone afirmativo das minoridades nas ciências. Joana D'Arc representa a mulher, cientista, negra, atuante na área da química, que emerge da periferia ao protagonismo científico.

Inicialmente, o interesse em realizar essa pesquisa partiu da forma inquietante em como a mídia expõe os corpos negros nos enunciados e manchetes desconsiderando quase que completamente todos os episódios de racismo que os assolam diariamente e qualquer discriminação racial que tenham sofrido durante a infância, quais foram as dificuldades que encontraram em seu percurso escolar e em sua trajetória profissional. Para isso, utilizamos do “não direcionamento linearizado” com o propósito de observar as diversas informações que encontramos midiaticamente sobre as sujeitas(os) da pesquisa, buscando rearticular em um momento posterior, de forma pós-crítica, as relações de poder envolvidas nas formas de “endeusamento” das(os) cientistas após a morte, negando-se qualquer um dos processos de silenciamento e marginalização que enfrentaram ao longo de suas

carreiras acadêmicas e científicas.

Pensando deste modo, faremos a seguinte reflexão: e Joana D’Arc? O que falam sobre ela? Ela se tornou a “fake News de Harward”? O que as mídias nos conta(ra)m? Que modos de identificação são apresentados pelas mídias? Elencamos esses questionamentos porque as redes sociais reproduzem modos de identificação e representação que muitas vezes omitem vários elementos de forma interessada, visando delimitar modos de ser e estar, o que gera a marginalização de várias outras possibilidades de existência.

Nesta perspectiva, buscamos realizar uma rearticulação desses elementos “esquecidos” e “silenciados”, e contribuir com novas possibilidades de identificação de futuras estudantes, visando por fim, sanar aquilo que acreditamos ser a potencialidade deste trabalho, que se trata de responder a seguinte problematização: Quais elementos (midiáticos, discursivos e outros) que causam o distanciamento, marginalização e silenciamento das mulheres da profissão de cientista a partir da história de Joana D’Arc?

Jornalismo e sociedade

A humanidade vive em contínuas transformações, e com elas, a sociedade contemporânea se expande e se diversifica cada vez mais em ritmo acelerado. A informação é a principal ferramenta utilizada dentro de uma estrutura tecnológica para os meios de comunicação. Nesta perspectiva, faz-se necessário uma reflexão sobre como os profissionais dessa área narram as transformações da sua realidade, e com isso tecer uma “crônica” registrando os fatores que são considerados mais importantes naquele momento, tornando um divulgador do discurso jornalístico para a sociedade. Neste contexto, é de suma importância analisar o mito que a sociedade capitalista reproduz, “o sujeito vence pelo mérito próprio”.

Nessa perspectiva, o artigo busca analisar as representações que

têm sido difundidas em enunciados jornalísticos bem como no conteúdo das notícias, principalmente as que falam sobre corpos negros. Para isso, nos atentaremos a esses textos tendo em vista a análise de quais as situações são apresentadas a respeito do percurso da mulher negra e como a sociedade se porta diante de tais notícias. Deste modo, evidenciaremos como o fato dessas mulheres sofrerem preconceitos, como suas vivências pessoais e suas experiências desde o seu nascimento, bem como suas conquistas e fracassos podem afeta-las durante a sua vida. Assim, esse estudo está embasado com as questões sobre o racismo institucional, enfatizando-se a desigualdade social em que as mulheres negras se encontram.

Para o desenvolvimento deste estudo, apresentaremos conteúdos que nos auxiliarão sob o viés dos Estudos Culturais, objetivando compreender: “o que motiva ou silencia as possibilidades de (r)existência das mulheres dentro das universidades brasileiras?”. Mediante a isso, discorreremos sobre os princípios dos Estudos Culturais, e sobre a trajetória dessa perspectiva teórico-metodológica desde as suas origens até a contemporaneidade. Nesse contexto, para desenvolvermos questionamentos e reflexões a respeito de culturas marginalizadas, suas diversidades e multiplicidades, é necessário torná-las visíveis, pois, desse modo, será possível compreendermos suas estruturas criar possibilidades de reorganiza-las.

Nessa continuidade, os Estudos Culturais surgiram no final da década de 1950, em um cenário político pós-guerra, na Inglaterra, despertando uma grande reviravolta na teoria cultural, com o objetivo de investigar a multiplicidade vigente do interior de cada cultura, mediante as suas diversificações. Segundo Hall (1980), os estudos culturais não se configuram como uma “disciplina”, e sim uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando os aspectos culturais da sociedade. Neste mesmo sentido, Turner (1990) afirma que

os Estudos Culturais constituem um campo interdisciplinar onde certas preocupações e métodos convergem; a utilidade dessa convergência é que ela

nos propicia entender fenômenos e relações que não são acessíveis através das disciplinas existentes. Não é, contudo, um campo unificado (TURNER, 1990, p. 11).

Em vista disso, os Estudos Culturais não equivalem a uma nova disciplina, que visa ser a salvação e substituição de todas as demais disciplinas existentes, mas surge devido a uma insatisfação sobre algumas disciplinas e seus limites, ou seja, passam a ser caracterizados por sua natureza interdisciplinar, questionando interações que se baseiam na elitização. Com a criação do Centre For Contemporary Cultural Studies (CCCS) de forma organizada, foi institucionalizado enquanto área de estudos somente em 1964, na universidade de Birmingham, pelo Professor, Richard Hoggart.

Diante dos questionamentos às desigualdades entre a elite e as culturas eruditas, tinha como principal característica que era, e ainda é, o estudo de classes trabalhadoras, das culturas, mulheres, feminilidades, raça, etnicidade, dentre muitos outros estudos. Isto é, procura revelar os discursos marginais, não-oficiais, ou daqueles que propriamente não tem o “poder de fala”, procura desestruturar os processos que têm excluído as minorias mediante as relações de poder e hierarquização.

Com isso, a cultura como espaço de luta pela (re)significação, começa a ser construída, ou seja, alguns questionamentos começam a tomar potência, principalmente quanto a construção de alguns conceitos dicotomizados: “Analfabeto, alfabetizado, homem, mulher, índio, negro, branco?”. Quem são os sujeitos que contam essas histórias? Quais elementos são postos e articulados diante de nós que nos fazem aceitar determinados discursos? Compreender essas conexões de elementos discursivos, em suas relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais compõem seu eixo principal de pesquisa dos Estudos Culturais (JOHNSON et al., 2010). Pois nesta compreensão estaria a possibilidades

de repensarmos as hierarquizações e relações de poder.

Neste sentido, este trabalho busca “compreender nas entranhas das histórias midiáticas de Joana D’Arc, o que motiva, ou o que silencia, as possibilidades de (r)existência de mulheres negras nas universidades brasileiras e nas produções científicas”. Essa negação por parte dos meios de comunicação é um dos fatores que determinam para que haja o silenciamento dos corpos negros, além de uma falsa ideia de que a comunidade negra não é um grupo que apresenta características sociais e culturais em comum, que possuem uma conexão entre si, uma identificação que interliga suas histórias e passados

Por conseguinte, o intuito do jornalismo na sociedade de consumo é interpretar e traduzir informações. Não basta apenas dar a informação, é necessário saber interpretá-la atribuindo-lhes sentidos e precisões na produção de um material dando ao leitor a possibilidade de refletir e, também, de interpretar.

Identidade tem cor?

O feminismo emergiu no fim do século XVIII, com as revoluções democráticas. Entretanto, o ponto de vista inicial desse movimento, foi a contestação da exclusão de mulheres nos direitos universais da revolução francesa, pois elas lutavam por igualdade política e jurídica, levando para as ruas, mulheres brancas e de classe média, que tinham como algumas de suas principais reivindicações as pautas de questionamento ao direito ao voto e da segregação de profissões, pleiteando o direito de ocuparem empregos para além do espaço privado do lar.

No Brasil, o grande nome ligado a primeira onda feminista, é o da Nordestina Nísia Floresta (1810-1885), que desafiou os limites do seu tempo para seguir uma trajetória que a tornaria educadora e escritora. Nísia foi a primeira autora a publicar um livro no país, o “Direitos das mulheres e a injustiça dos homens”.

Nos anos 60 e 70, entra em cenário a segunda onda feminista, e com ela o direito ao corpo, luta por direitos reprodutivos e discussões acerca da sexualidade. O aborto, a violência sexual, e a homossexualidade ganhavam uma atenção mundial e a sociedade brasileira recebia essas notícias pelas fontes midiáticas. Já nos anos 80, a interseccionalidade entrou em pauta e o feminismo teve bastante repercussão por duas autoras negras: Ângela Davis e Patrícia Rio Collins, que trouxeram o debate de gênero associado às categorias de raça e classes fragmentadas ao discurso universal.

Dessa maneira, “nosso movimento de mulheres é um movimento de mulheres no sentido de que é conduzido e dirigido por mulheres pelo bem de mulheres e homens, pelo benefício de toda a humanidade” (DAVIS, 2017, p.15), mas destacamos que o movimento feminista precisa ser interseccional, dar voz e representação as especificidades existentes no ser mulher. Se o objetivo é a luta por uma sociedade sem hierarquia de gênero, existindo mulheres que, para além da opressão de gênero, sofrem outras opressões, como racismo, lesbofobia, transmisoginia, torna-se urgente incluir e pensar as intersecções como prioridade de ação, e não mais como assuntos secundários (RIBEIRO, 2018, p. 47).

Nessa perspectiva, abordamos a natureza interseccional do Feminismo Negro Brasileiro como uma alternativa política para a compreensão e o enfrentamento das opressões de gênero, e raça pelas mulheres negras. Nessa continuidade, segundo Louro (2014), os Estudos Feministas sempre estiveram centralmente preocupados com as relações de poder. Com isso, superar as dicotomias foi e é um dos principais desafios dos Estudos Feministas,

existe representatividade para essas cientistas? Como devemos realizar este processo de Identificação? (HALL, 2006).

Considerando-se as diferentes formas de abordagens sobre identidade/identificação, apresentaremos uma análise sobre a perspectiva dos Estudos Culturais do autor Stuart Hall “A identidade

O que a mídia nos conta?

Este estudo tem inspirações metodológicas na análise dos discursos sob a perspectiva foucaultiana, no que tange às propagandas pela mídia a respeito das mulheres na Ciência, principalmente sobre Joana D'Arc. Assim, apresentamos a seguir alguns trechos e manchetes de jornais on-line essenciais ao desenvolvimento desse estudo, tendo em vista a investigação do que tem sido vinculado sobre a trajetória da pesquisadora Joana D'Arc e sua construção de identidade racial no ambiente acadêmico.

Por esse viés, analisamos “o que tem saído na mídia?”, para podermos por meio desse questionamento compreendermos e desenvolvermos críticas e reflexões a respeito de culturas marginalizadas, suas diversidades e multiplicidades, objetivando possibilidades de torná-las visíveis perante a uma sociedade que silencia corpos negros.

Assim, buscamos investigar possíveis (re)articulações dos enunciados de jornais on-line contendo o caso da nossa sujeita de pesquisa Prof. Dr. Joana D'Arc, partindo inicialmente da manchete “Professora que vai virar filme tem diploma falso em Harvard” publicada pelo jornal Estadão em maio de 2019. Nessa continuidade, a matéria do jornal em questão mostrava que entrevistas de Joana, seu currículo e sua vida, apresentavam inconsistências de discursos, ou seja, deu a entender que ela realizou determinadas atividades e possuía títulos que ela não portava.

Diante dos recentes casos envolvendo informações falsas nos currículos de pessoas contratadas pelo atual governo, emergem as questões “por que esses casos (de sujeitos que também apresentaram inconsistências em seus currículos) não tiveram o mesmo peso midiático?”, “vivemos em uma sociedade extremamente preconceituosa?”.

Para repensar nessas indagações já mencionadas, destacamos também o caso de Carlos Alberto Decotelli da Silva, homem negro,

economista, que ocupava o cargo de ministro da Educação quando o jornal Estadão publicou a seguinte manchete: “Reitor de universidade diz que ministro da Educação fez curso, mas não concluiu doutorado” em 26 de junho de 2020, e o texto que seguia a manchete afirmava “reitor Franco Bartolacci da Universidade Nacional de Rosário, na Argentina, anunciou que Decotelli não obteve o título de doutor na instituição, como contas em seu currículo”.

Ainda nesse viés, também destacamos o caso de Ricardo de Aquino Salles, homem branco, ministro do Meio Ambiente, conforme o jornal Folha de São Paulo onde publicaram a seguinte manchete “Ministro do Meio Ambiente não estudou em Yale” onde constava que a assinatura de um artigo publicado por Salles no ano de 2012 na seção Tendências/Debates da Folha incluía, em sua biografia, a formação em Yale. Após essa notícia, o erro foi revelado pelo site The Intercept Brasil na mesma semana. Em nota, o jornal declara “à Folha o Ministro confirmou que não estudou em Yale e disse que o equívoco foi cometido por sua assessoria de imprensa, que, segundo ele, enviou o texto ao jornal em 2012”. Diante disso, a Folha de S. Paulo publicou a seção “Erramos para retificar informações incorretas, mas Salles não procurou o jornal para corrigir o erro”.

Outro ponto importante para a nossa pesquisa, é o caso de Wilson Witzel, homem branco, atual governador do rio de Janeiro, conforme o jornal Estadão em maio de 2019 onde publicaram a seguinte manchete “Witzel cita em currículo doutorado em Harvard sem nunca ter estudado na instituição”. Em nota, o jornal declara que “O governador Witzel informou em seu currículo Lattes que parte do seu curso de doutorado na Universidade Federal Fluminense (UFF) teria sido na universidade americana Harvard”. Com isso, o jornal ainda cita que a informação, no entanto, é falsa. E que a denúncia foi feita pelo jornal O Globo. A assessoria do governador informou que “não há erro” e que o registro da plataforma Lattes dizia a respeito de uma “intenção” de Witzel a possibilidade de aprofundar seus estudos em Harvard.

Contudo, dias depois da exposição midiática sobre o caso do ex

Ministro da Educação, o Presidente Jair Bolsonaro aceitou a carta de demissão de Decotelli, que foi nomeado ministro da educação uma semana antes da notícia e logo em seguida teve seu currículo questionado, sendo que as ridicularizações em torno do ocorrido geraram tanta repercussão que o governo solicitou ao economista que ele deixasse o cargo. Por que o próprio Decotelli renunciou seu cargo? Por qual motivo os casos de Witzel e Salles não tiveram repercussões tão drásticas quanto o de Decotelli? Por que o governador Witzel e o Ministro do Meio Ambiente continuaram em seus cargos no governo?

Nesse mesmo sentido, Joana D'arc também sofreu ridicularizações após a revelação de que não possuía diploma de Harvard, perdendo não só a oportunidade de mostrar sua história ao mundo através de um filme, mas também sofreu o cancelamento de diversas palestras que iria ministrar pelo país. Diante do exposto, fazemos a seguinte reflexão "Qual a razão da sociedade em que vivemos cobrar e perseguir somente os erros dos corpos negros e/ou das mulheres?". Mediante a isso, em contexto de carreira e narrativa da história no caso da Prof. Dra. Joana D'Arc, mulher negra, de periferia, que foi "silenciada" pela sociedade por supostamente declarar ter cursado PósDoc na universidade de Harvard, o que a colocou como alvo de inúmeros ataques racistas imediatamente após a publicação de notícias que contestavam seu currículo, tornando-a uma pessoa ridicularizada por determinados sujeitos.

De acordo com a matéria publicada na revista *Época*, em maio de 2019, Frei David Santos, (diretor da Educafro, organização não governamental com sede em São Paulo que atua para aumentar o acesso de negros brasileiros a instituições de ensino de qualidade) e o Fabrício de Oliveira, (presidente da Fowler, loja especializada em cultura suburbana no Rio de Janeiro) divergem sobre o caso de Joana D'Arc Félix de Sousa.

Segundo Frei David Santos, a doutora Joana D'Arc não se sentiu confortável em partilhar informações, e ele ainda destaca que ela tem sido corajosa e que a mesma têm falado para as pessoas próximas que

reconhece que adotou o recurso da mentira. Santos ressalta que o fenômeno e a prática da mentira são muito mais fortes na sociedade do que se imagina, e também declara que o ser humano deseja necessariamente criar um conforto que dê sentido a sua existência, e que há uma doença da mentira chamada mitomania, onde a pessoa cria uma realidade hipotética e passa a acreditar nela.

Fabrizio de Oliveira destaca que a doutora Joana d'Arc vive em um país onde não se valoriza o trabalho da pessoa negra, e enfatiza que isso é visível, pois no Brasil, é preciso ser um super-herói para ser um negro valorizado. Alguns dos itens para ser reconhecido são falar seis idiomas, estudar na melhor universidade e passar por tudo na vida, é só quando se torna um Super-Homem ou uma Mulher Maravilha que passa a ser reconhecido pela sociedade.

Neste mesmo viés, notamos opiniões que seguem em sentidos diferentes dos autores, e com base nisso, podemos expressar que, diante das falsas afirmações, as pessoas “esqueceram” totalmente dos outros títulos e conquistas que Joana D'Arc já havia conquistado. Ao evidenciarem somente esse episódio de sua vida colocam em segundo plano e até mesmo omitem que ela é química, professora, cientista brasileira, ganhadora do Prêmio Kurt Politzer de Tecnologia (2014) na categoria "Pesquisadora do Ano", mestre e doutora pela Unicamp, dentre tantos outros triunfos que merecem reconhecimento, ou seja, todas as informações do seu currículo não foram apagadas ou desconsideradas.

Nessa sequência, levantamos a questão “por qual motivo a sociedade “esquece” os atos cometidos de Salles e Witzel (homens brancos) sem questioná-los ou ridicularizá-los?”. Por este motivo, muitas pessoas sequer lembram desses casos, isso porque foram abafados e assim não tiveram um espaço considerável na mídia em eminência de serem menosprezados.

Além de tudo isso, por que dias depois da exposição midiática sobre o caso do ex Ministro da Educação, o Presidente Jair Bolsonaro

aceitou a carta de demissão de Decotelli, que foi nomeado ministro da educação uma semana antes da notícia e logo após seu currículo foi questionado e a pressão que ele sofreu foi tão grande que o governo solicitou ao economista que ele deixasse o cargo, e por qual motivo o governador Witzel continuou em seu cargo no governo?

São as encruzilhadas destes elementos diversos, de cor, de gênero e de poderes que são atravessados e articulados, aproximando ou distanciando os sujeitos de determinados espaços. Como a mídia cria laços entre determinados sujeitos e os espaços de poder e distanciam outros (negros, mulheres e pobres)? A mídia é um potente elemento que se articula a determinados atores que podem facilitar determinados espaços para sujeitos brancos, heterossexuais, homens, cis e ocidentais. É neste sentido, de compreender estas articulações, que compreendemos que este tipo de trabalho possa contribuir para romper com espaços midiáticos articulados que marginalizam e extinguem mulheres de determinados lócus.

(Des)considerações finais

Este trabalho, distante de buscar definições e conclusão, tem por objetivo provocar, causas inquietações, e por consequência, abrir espaços para questionarmos o mundo patriarcal e machista que nos despotencializa enquanto mulheres, negras e lgbtqia+. Quantas vezes questionamos as mídias quando essa menospreza, distancia, minimiza e desarticula as potencialidades desses sujeitos?

Se pensarmos que toda a forma de poder é um modo de rearticulação de diversos elementos, e que, enquanto sujeitos podemos e devemos questionar estes espaços de articulação, devemos enquanto sujeitos pós críticos, apresentar estes elementos, e como os diversos atores são articulados, para que assim, todas as meninas possam questionar os espaços que lhes são concedidos e impedidos.

Sendo assim, acreditamos que algumas provocações se fazem

necessárias: quais elementos distanciam meninas negras de algumas profissões? Quando você se questionou quanto ao papel da mídia na produção da identidade de mulheres profissionalmente? Quais destes elementos vocês ajuda a fortalecer? Somente quando todas e todos se colocarem neste local de inquietações, de provocar-se, é que teremos novas possibilidades, e é neste sentido que este trabalho se propõe potente. Inquiete-se! Provoque-se! Mude!

Referências

- AMARAL, Ana Carolina. Ministro do Meio Ambiente não estudou em Yale. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/02/ministro-do-meio-ambiente-nao-estudou-em-yale.shtml>>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- DANTAS, Dimitrius. Santos e Oliveira Divergem sobre o caso de Joana D'arc Félix de Sousa. *Época*. Disponível em: <https://epoca.globo.com/santos-oliveira-divergem-sobre-caso-de-joana-darc-felix-de-sousa-23687078>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- DAVIS, Angela. *Mulher, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo. 2017.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- JANSEN, Roberta. Witzel cita em currículo doutorado em Harvard sem nunca ter estudado na instituição. *Estadão*. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,witzel-cita-em-curriculo-doutorado-em-harvard-sem-nunca-ter-estudado-na-instituicao,70002839196>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Organização e Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva*

pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

RESK, Felipe; CAFARDO, Renata. Professora que vai virar filme tem diploma falso em Harvard. *Estadão*. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,professora-que-vai-virar-filme-tem-diploma-falso-de-harvard,70002828826>. Acesso em: 25 ago. 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?*. São Paulo: EDUSC, 2001.

TURNER, Graeme. *British cultural studies: an introduction*. Boston: Unwin Hyman, 1990.

VARGAS, Mateus; CAVALHEIRO, Rodrigo. Reitor de universidade diz que ministro da Educação fez curso, mas não concluiu. *Estadão*. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,reitor-de-universidade-diz-que-ministro-fez-curso-mas-nao-concluiu-doutorado,70003346095>. Acesso em: 25 ago. 2020.